

# EDITORIAL:

## O DESAFIO PARA A MUDANÇA

A única razão para ser eu a escrever este editorial é o honrado mas imerecido convite com que me brindam a Direcção da Revista Científica da CSE e o seu corpo de editores. Os editoriais convencionais libertam, ab initio, o seu autor, porque são feitos no respaldo do interesse da “linha” editorial. Não sei se será o caso...

Deveria haver, no entanto, uma prerrogativa que permitisse escrevê-los a partir do meio e daí, para dentro e para fora. À semelhança destes, este editorial não deverá vincular nem os editores nem a direcção da CSE.

Para dentro, traduzindo a missão, a visão, a perspectiva e os valores de quem todos os dias nos lidera e tem o compromisso de projectar uma instituição melhor, que deixe reflectir aquilo que de mais refinado têm os seus colaboradores. De fora, na visão de quem a usa e vive as vicissitudes de um serviço à espera de dias melhores. Do meio, de quem abraça a relação conflituosa entre o status tradicional e a necessidade de adopção de novos paradigmas que coloquem a CSE, definitivamente, na rota da gestão integrativa, na medicina universal moderna, no ensino baseado nas novas evidências e na aposta da formação local e na investigação.

A CSE tem o mérito de liderar, em extensão, o panorama da assistência médica e medicamentosa a uma parte considerável da população. Tem o mérito de ter estado presente na formação de novos quadros, a quem os paradigmas da medicina universal contemporânea são gratos, pela qualidade e pela certeza da continuidade.

O justificado gáudio pela excelência expectável destes especialistas não deve deixar para segundo plano o valor médio dos formandos nem a qualidade dos seus quadros menos diferenciados. A escola que herdámos dos nossos Mestres tem de entender que a sua excelência será avaliada pela absorção pelo mercado dos quadros que ela forma e pelo valor dos nossos formandos de menor média.

A convivência de várias gerações com escolas, expectativas e saberes diferentes e a absorção de recém-licenciados de vários matizes, oferece-nos uma experiência profissional e um grau de interactividade que não deve ter paralelo nos outros cenários de formação.

A aposta na regularização da Revista Científica da CSE e na qualidade humana dos seus recursos apresta-se a deixar para a posteridade e para herança das gerações vindouras, a memória da nossa prática clínica diária, da ética institucional que nos rege, dos nossos erros, dos nossos acertos, numa espiral de vontades que deve ceder lugar aos anseios mais nobres por uma prestação de qualidade universal.

Por outro lado, o regresso massivo de quadros diferenciados ao país, fora do Sistema Público de Saúde, e o aparecimento de investidores estranhos ao meio médico angolano, abrem novas frentes de concorrência que têm feito migrar parte da nossa clientela tradicional, em busca de menores tempos de espera, respeito pelos horários contratualizados e rigor na atenção e na prática assistencial diária. No entanto, é-nos mais cómodo, culpar apenas a crise...

Jovens em busca de formação têm trocado a CSE por experiências menos boas e futuros de incerteza, por outros cenários de formação, em detrimento do potencial dos nossos formadores. O lugar-comum dirá deles que são ingratos.

O surgimento de novas seguradoras, com novas regras de comparticipação, passou a depositar no utente o ónus da escolha da prestadora de serviço. Os doentes passaram a ser mais “chatos”... (“chatos” poderá ser substituído por “complicados”)

É um tempo, antecipadamente anunciado, de restrição de receitas, de maior exigência dos utentes, de menor rotatividade de leitos, mas também de oportunidades de discutirmos os nossos fundamentos funcionais e a missão a que nos propomos e como nos propomos.

Fazer frente a este novo tempo e potenciar a recuperação das valências já adquiridas não pode ser alheio ao compromisso de todos com os novos desafios que se apresentam à CSE e a vitória sobre o desafio não pode ser alheia à adopção de práticas de administração e de governação clínica mais contemporâneas.

É urgente assumir os pressupostos da qualidade como um hábito diário, ao invés de um projecto panfletário, com cronogramas definidos e profissionais, responsabilizados pela sua execução.

É urgente potenciar as lideranças nos campos da ética, da clínica, da técnica e da pedagogia como parceiras de mais-valia na definição dos novos valores e missões da Clínica Sagrada Esperança, aliando a sensatez própria dos quadros mais velhos à sede de universalidade e inconformidade dos quadros mais jovens.

É urgente redefinir o tempo e os paradigmas, para apostar na formação local de especialistas, dotando-os assim de maiores competências na abordagem dos problemas mais pertinentes do nosso espectro nosológico. Podemos conseguir-lo com o recurso a novas pontes e parcerias de formação, à semelhança da pediátrica, melhorando a qualidade no Atendimento Permanente e nas unidades periféricas e tornando a periferia uma valência terminal e requisito *sine qua non* para o exame de saída. É urgente apostar na formação local de novos especialistas, para atenção primária, criando pontes, à semelhança da formação pediátrica, que melhorem a qualidade no Atendimento Permanente e nas unidades periféricas, redefinindo-se os paradigmas e tempos de formação, tornando a periferia uma valência terminal e requisito *sine qua non* para o exame de saída.

A optimização das nossas competências deve permitir gerar atitudes mais proactivas que permitam gerar o único valor, a qualidade, capaz de concorrer e fidelizar os nossos utentes.

A urgência de lidar com um tempo novo impõe a sensatez de não acreditarmos na nossa própria propaganda.

Esta 5ª edição da Revista Científica tem a pena autorizada da Professora Ana Escoval e a “memória futura” do Professor João Prista a abrirem caminhos de herança para deleite dos leitores. A visão sobre o desperdício, a optimização das gestões intermédias e o respeito pelo tempo dos utentes têm lugar cativo, ombreando o seu espaço com o papel da medicina do trabalho na saúde do trabalhador. O desejo por uma medicina obediente aos paradigmas da universalidade encontra eco nos artigos originais, nos casos clínicos e no compromisso social da CSE com a periferia.

**Bem hajam!**

**Maurício Caetano, MD.**

Médico Internista

CMLS – Clínica Sagrada Esperança – Luanda – Angola  
Email: mauricio.j.s.caetano@hotmail.com

## CONSELHO EDITORIAL

### EDITOR

Rui Veiga Pinto

### EDITORES ASSOCIADOS

Emanuel Catumbela  
Esmael Tomás

### CONSELHO DE REDACÇÃO

Évena Martins	Mahinga Ribeiro
Manuel Vunda Tinta	Maria Esther
Nádia Brock	Neusa Paula
Ndenga Tomás	Roygue Alfredo

### CONSELHO CIENTÍFICO

Armando Jorge T. Lima	Conceição Pitra
Luzia Ribeiro	Georgina Vandúnem
Manuela Neto	Maria Helena V. Pereira
Fernando Barata	

### SECRETARIADO

Anair Olim

### REVISÃO

Maria do Carmo Cruz

### EDITOR GRÁFICO

Eduardo Brock

**IMCS: 477/B/2007**